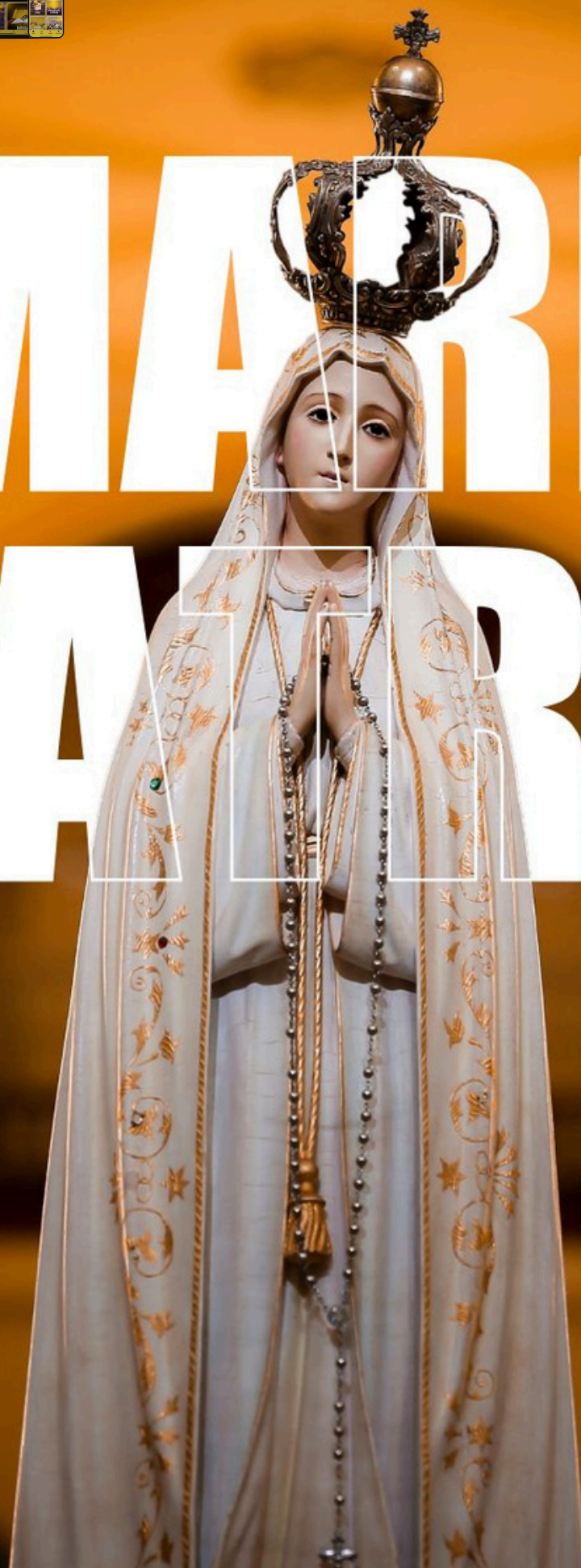


MARINHO LA BIRIA





Mariolatria: Um Impasse com a Bíblia

1. Introdução: O que é Mariolatria?

Mariolatria literalmente significa “adoração a Maria” – ou seja, uma veneração excessiva dirigida à mãe de Jesus[1]. No contexto do diálogo entre protestantes e católicos, os primeiros frequentemente acusam alguns praticantes católicos de incorrerem em mariolatria, ao passo que os católicos negam que prestem a Maria um culto divino. A Igreja Católica Romana oficialmente distingue entre latria (adoração devida somente a Deus) e dulia (veneração dada aos santos), reservando a Maria uma

hiperdulia, uma veneração especial mais elevada que a dada a outros santos, porém ainda inferior à adoração[2]. Em tese, portanto, os católicos afirmam venerar e honrar Maria, mas não adorá-la como se fosse Deus.

Entretanto, do ponto de vista evangélico, na prática a linha entre veneração e adoração frequentemente se esvai. Quando se atribuem a Maria títulos e funções divinas, ou quando ela é objeto de extrema devoção (orações, hinos, procissões, imagens), ultrapassa-se o limite bíblico, configurando idolatria pecaminosa[3][4]. A Mariolatria coloca Maria como objeto de confiança e quase deificação, algo expressamente proibido pelas Escrituras: Deus é zeloso e não divide Sua glória com outrem (Êx 20:3-5; Dt 4:24)[5]. Nesta apostila, examinaremos de forma didática e fundamentada na Bíblia por que a veneração exagerada a Maria tem sido um ponto de divergência entre o protestantismo e o catolicismo, buscando esclarecer o verdadeiro lugar de Maria na fé cristã.

2. Maria na Bíblia: o que realmente é dito sobre ela?

Antes de abordarmos as doutrinas marianas desenvolvidas ao longo dos séculos, é importante entender quem Maria foi à luz da Bíblia. As Escrituras apresentam Maria como uma jovem judia temente a Deus, escolhida para ser a mãe humana do Messias. Ela era virgem quando concebeu Jesus por milagre do Espírito Santo (Mt 1:18-25) e certamente merece o respeito por ter sido “bendita entre as mulheres” (Lc 1:42). Maria demonstrou fé e humildade exemplares, submetendo-se à vontade divina com a famosa frase: “Aqui está a serva do Senhor; cumpra-se em mim conforme a tua palavra” (Lc 1:38). Os protestantes, assim como os católicos, reconhecem e honram Maria como a mãe de Jesus e agradecem a Deus pelo papel singular que ela



desempenhou no plano da salvação[6]. Todos concordam que ela foi bem-aventurada e agraciada por Deus.

Contudo, a Bíblia não retrata Maria como um ser divino ou semi-divino, nem atribui a ela ofícios espirituais posteriores. Pelo contrário, Maria aparece nas Escrituras como uma mulher humana e pecadora que também necessitava da graça de Deus. Ela mesma reconheceu sua necessidade de salvação ao declarar: “O meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador” (Lc 1:47)[7]. Essa afirmação de Maria de que Deus é seu Salvador implica claramente que ela, como todos nós, precisava ser redimido do pecado – o que contrasta com a ideia de que ela teria nascido sem pecado (ver seção sobre Imaculada Conceição). Em nenhum momento Jesus ou os apóstolos conferem a Maria um status de mediadora ou fonte de poder espiritual. Na verdade, Jesus certa vez relativizou a importância de seu vínculo familiar com Maria, enfatizando que a obediência a Deus é o que verdadeiramente importa: Quando alguém informa que sua mãe e irmãos o procuravam, Ele respondeu: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? – todo aquele que faz a vontade de meu Pai celestial, esse é meu irmão, minha irmã e mãe”[8]. Com isso, Cristo ensinou que, no reino de Deus, a fé e a obediência colocam todos os discípulos (inclusive Maria) no mesmo patamar, todos igualmente carentes da graça divina.

Além dos episódios dos evangelhos, Maria é mencionada brevemente em Atos 1:14 como parte do grupo de crentes em oração após a ascensão de Jesus. Depois disso, o Novo Testamento silencia sobre qualquer papel proeminente de Maria na Igreja primitiva. Não há instruções apostólicas para se orar a Maria, buscá-la como intercessora ou atribuir-lhe títulos extraordinários. Ao contrário, vemos que Maria, assim como os demais discípulos, estava reunida esperando a vinda do Espírito Santo em Pentecostes (At 1:14), participando humildemente da comunidade cristã e necessitando igualmente da obra redentora de Cristo[9]. Em suma, biblicamente Maria foi uma serva exemplar de Deus em ação, mas continua sendo uma criatura humana salva por graça, não uma fonte de graça. Ela não possui poder para nos conectar a Deus, curar-nos ou ouvir nossas orações, pois esses atributos pertencem somente a Deus[10]. Qualquer conceito além do que a Escritura revela deve ser avaliado com muito cuidado, pois corre o risco de entrar no terreno da especulação não bíblica ou da tradição humana.



3. Dogmas marianos e sua fundamentação (ou ausência) bíblica

A Igreja Católica, ao longo de sua história, formulou quatro ensinamentos centrais sobre Maria elevados à categoria de dogmas de fé: a Imaculada Conceição, a

Assunção de Maria, a Virgindade Perpétua e o título de Mãe de Deus (Theotokos). Para os católicos, dogmas são verdades reveladas que devem ser cridas por todos os fiéis; já os protestantes avaliam cada um desses pontos à luz das Escrituras, questionando se possuem base bíblica ou se contradizem princípios da fé apostólica. Examinemos cada dogma mariano em particular:

Imaculada Conceição

O dogma da Imaculada Conceição afirma que Maria, desde o primeiro instante de sua concepção no ventre de sua mãe, foi preservada por Deus de toda mancha do pecado original[11]. Em outras palavras, diferente de todo ser humano decaído, Maria teria sido concebida já imaculada, isenta da culpa original de Adão, e além disso teria vivido uma vida sem cometer pecados pessoais. Essa doutrina foi solenemente definida pelo Papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854, através da bula *Ineffabilis Deus*, tornando-se dogma oficial da Igreja Católica[12]. Os teólogos católicos apontam indícios bíblicos indiretos para justificá-la, como a saudação do anjo Gabriel a Maria como “cheia de graça” (Lc 1:28) – interpretação segundo a qual essa “plenitude de graça” indicaria a ausência de pecado nela desde sempre[12]. Também são citados símbolos e textos veterotestamentários aplicados a Maria (como a “arca incorruptível” da aliança em Ex 25:10-11, ou Provérbios 8 falando da Sabedoria criada pura) para sustentar a excepcional santidade mariana.

Do ponto de vista bíblico-protestante, porém, a Imaculada Conceição carece de fundamento claro nas Escrituras e contraria afirmações bíblicas explícitas sobre a

condição de todos os seres humanos. A Bíblia ensina que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23) e que por um só homem (Adão) o pecado entrou no mundo, afetando todos os seus descendentes (Rm 5:12). Os evangélicos entendem que Cristo é a única exceção a essa regra universal (pois nasceu sem pecado e não cometeu pecado algum – cf. Hb 4:15). Maria, sendo uma descendente de Adão e Eva como nós, necessitava da redenção tanto quanto qualquer outro ser humano[13]. A própria afirmação de Maria em Lucas 1:47 – “meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador” – é vista como evidência suficiente de que ela não era concebida imaculada, pois se fosse totalmente sem pecado não precisaria chamar Deus de Salvador[7]. Importantes teólogos ao longo da história (inclusive dentro do próprio catolicismo)



também questionaram essa doutrina: por exemplo, Santo Tomás de Aquino inicialmente negou a Imaculada Conceição de Maria, e essa ideia só foi amplamente aceita na Igreja Romana muitos séculos depois[14][15]. De fato, o dogma só foi proclamado oficialmente em meados do século XIX, indicando tratar-se de um desenvolvimento tardio da tradição e não de um ensino apostólico original. Em suma, os protestantes rejeitam a Imaculada Conceição porque não encontram respaldo claro na Bíblia para a isenção total de pecado em Maria, considerando-a uma crença construída sobre interpretações questionáveis e sobre a ideia extra-bíblica de infalibilidade papal que definiu o dogma[16][17].

Assunção de Maria

A Assunção de Maria é o dogma que declara que ao término de sua vida terrena, Maria

foi elevada de corpo e alma ao Céu, não experimentando a corrupção física normal da morte. Essa crença, presente na tradição católica e também na ortodoxa, foi oficialmente definida como dogma pelo Papa Pio XII em 1º de novembro de 1950, por meio da constituição apostólica *Munificentissimus Deus*[18]. O texto dogmático católico afirma que Maria, “tendo completado o curso de sua vida terrestre, foi assumpta à glória celeste em corpo e alma”[18]. Diferentemente da Imaculada Conceição (que se refere ao início da vida de Maria), a Assunção trata do final da vida dela, posicionando-a como o único ser humano – além de Jesus – a ter sido glorificado integralmente no Céu em corpo e alma até o momento da ressurreição final. Assim como no caso anterior, os católicos procuram fundamentos em alusões bíblicas e na tradição antiga: apontam, por exemplo, Apocalipse 12 (a visão da “mulher revestida de sol” que alguns interpretam como Maria) e enxergam paralelos com personagens do Antigo Testamento que foram tomados por Deus sem ver a morte, como Enoque (Gn 5:24) e Elias (2Rs 2:11).

Do ponto de vista protestante, não há qualquer referência direta ou indireta na Bíblia indicando que Maria tenha sido assumpta ao Céu dessa maneira. Os evangelhos e demais livros do Novo Testamento são totalmente silenciosos sobre o fim da vida de Maria. A própria Igreja Católica admite que a doutrina não está explicitamente nas Escrituras, mas argumenta que não as contradiz; trata-se sobretudo de uma crença derivada da Tradição. Contudo, os estudiosos protestantes salientam que as narrativas sobre a assunção de Maria têm origem em escritos apócrifos e lendas surgidas séculos

depois do período apostólico[19][20]. Por exemplo, uma coleção de textos apócrifos chamados *Transitus Mariae* (Narrativas da Dormição de Maria), datados do século IV em diante, já descreviam milagrosamente os apóstolos testemunhando a elevação do



corpo de Maria – histórias que, embora populares, nunca fizeram parte do cânon bíblico[21][22]. Foi apenas no clima do século XX, após muita pressão devocional popular, que o Papa declarou a Assunção como dogma infalível. Assim, os protestantes rejeitam o dogma da Assunção por considerá-lo desprovido de base bíblica e apoiado apenas por tradição pós-bíblica. Conforme destacado por autores, não há evidência histórica ou escriturística concreta desse evento – trata-se de uma crença que os reformados preferem deixar no campo da possibilidade (sem negar que Deus poderia tê-lo feito se quisesse), mas não da doutrina obrigatória. Inclusive, argumenta-se que a Assunção foi proclamada em 1950 muito em função do dogma anterior da Imaculada Conceição: se Maria era isenta do pecado original e de seus efeitos, então por consequência não estaria sujeita à corrupção da morte, o que “obrigou” a definir sua subida corporal ao céu quase um século após a definição da imaculabilidade[15][23]. Em resumo, na ótica evangélica esse dogma carece de suporte bíblico e se apoia numa tradição tardia, não podendo ser imposto como artigo de fé.

Virgindade Perpétua de Maria

A Igreja Católica (assim como a Igreja Ortodoxa e boa parte da tradição histórica) ensina que Maria foi virgem antes, durante e depois do nascimento de Jesus – doutrina conhecida como virgindade perpétua, que implica que Maria não teve relações conjugais nem outros filhos ao longo de toda sua vida[24][25]. Essa crença já era defendida desde os primeiros séculos pelos Pais da Igreja e foi afirmada em concílios antigos, tornando-se parte do depósito tradicional. O dogma mariano católico inclui a virgindade “antes do parto” (concepção virginal de Jesus pelo Espírito Santo), “durante o parto” (Maria teria dado à luz milagrosamente sem romper sua integridade física, sendo *aeiparthenos*, “sempre virgem”[26]) e “depois do parto” (Maria e José não teriam tido relações conjugais posteriormente, e Jesus não teve irmãos de sangue). Nas liturgias católica e ortodoxa, Maria é frequentemente referida como “sempre Virgem” (*semper virgo*), refletindo essa convicção.

Os protestantes, por outro lado, contestam a virgindade perpétua à luz de diversos

textos bíblicos que indicam que Jesus teve irmãos. Os Evangelhos mencionam explicitamente “os irmãos de Jesus”: por exemplo, Mateus 13:55-56 lista os nomes de Tiago, José, Simão e Judas como irmãos de Jesus, além de citar irmãs não nomeadas; Marcos 6:3 repete essa informação[27]. Também em outros episódios, como João 7:3-5 e Mateus 12:46-47, fala-se dos “irmãos” de Jesus interagindo com Ele. A interpretação católica tradicional alega que nessas passagens a palavra “irmãos” (*adelphoi* em grego) poderia significar primos ou parentes próximos, visto que na cultura semita



frequentemente se usava “irmão” em sentido amplo. Contudo, apologistas protestantes apontam que o grego do Novo Testamento possuía termos distintos para “primos” (por exemplo anepsios em Cl 4:10) e que usar adelphos para primos seria forçar o texto [27]. Além disso, se fossem primos, não morariam todos na mesma casa com Maria, como parece ser o caso nos evangelhos. Há também Mateus 1:25, que diz que José “não conheceu [= não teve relações com] Maria até o nascimento de Jesus”, indicando que após o nascimento a relação conjugal normal teria se iniciado [28][27].

Do ponto de vista bíblico, portanto, a explicação mais natural é que, após o nascimento de Cristo, Maria e José tiveram outros filhos biológicos – o que não diminuiu nada a honra de Maria por ter concebido Jesus virginalmente. Os protestantes veem a insistência na virgindade pós-parto como desnecessária e sem apoio claro na Escritura, resultante talvez de uma exaltação ascética da virgindade que surgiu nos primeiros séculos do cristianismo. Ainda que alguns reformadores (como Lutero e Calvino) pessoalmente continuassem admitindo a ideia de que Maria permaneceu virgem, essa não se tornou uma doutrina nas igrejas protestantes, justamente por falta de embasamento bíblico explícito e por entenderem que a intimidade conjugal entre Maria e José após o nascimento de Jesus não teria nada de pecaminoso ou indigno. Respeita-se a escolha de quem crê na virgindade perpétua como piedosa opinião, mas rejeita-se elevá-la ao nível de dogma. Na perspectiva evangélica, afirmar que Maria nunca consumou seu matrimônio nem teve outros filhos colide com o testemunho claro dos evangelhos e não impacta a fé em Cristo – afinal, a santidade e emissão de Jesus independem de Maria ter tido ou não filhos depois dele.

“Mãe de Deus” (Maria como Theotokos)

O título Mãe de Deus concedido a Maria (em grego Theotokos, que significa “Portadora de Deus”) foi oficialmente afirmado no Concílio de Éfeso em 431 d.C. e reafirmado no Concílio de Calcedônia em 451 d.C., no contexto das disputas cristológicas da Igreja primitiva [29][30]. A intenção original desse título era proteger a doutrina de que Jesus Cristo é Deus verdadeiro e homem verdadeiro em uma só pessoa. Ou seja, se Jesus é Deus encarnado, e Maria é a mãe de Jesus, pode-se logicamente dizer que Maria é mãe de Deus (no sentido de que ela gerou, segundo a carne, Àquele que é Deus). Os líderes da Igreja antiga quiseram deixar claro, contra heresias que negavam a divindade plena de Cristo, que Maria não era apenas mãe do “homem Jesus”, mas mãe de Deus feito homem. Assim, do ponto de vista estritamente teológico e cristológico, os protestantes reconhecem que chamar Maria de Theotokos – “a que deu à luz Deus” – pode ser aceitável enquanto afirmação de quem Jesus é [31][32]. De fato, o uso desse



título visa exaltar Cristo (confirmando Sua natureza divina unida à humana) mais do que exaltar Maria.

Porém, muitos protestantes preferem não usar o título “Mãe de Deus” devido às confusões e excessos devocionais que ele pode gerar. Há um receio de que fiéis menos instruídos compreendam de forma errada, achando que Maria seria “mãe da divindade” ou possuísse uma autoridade sobre Deus. Obviamente, Maria não é mãe da Santíssima Trindade nem preexistiu a Deus; ela foi mãe apenas da natureza humana de Cristo. Vários teólogos evangélicos argumentam que, embora a proposição lógica (“Maria é mãe de Jesus; Jesus é Deus; logo, Maria é mãe de Deus”) seja correta quanto à pessoa de Cristo, a conclusão pode levar a contradições e mal-entendidos teológicos se tomada em sentido absoluto [33][34]. Por exemplo, dizer “Deus tem mãe” pode implicar falsamente que Deus teve princípio ou que Maria possui uma espécie de natureza divina, o que seria um contra-senso – Deus é eterno e incriado, portanto, em Sua divindade Ele não pode ter mãe [34]. Ademais, o Novo Testamento nunca usa essa expressão; chama Maria de “mãe de Jesus” ou “mãe do Senhor” (como fez Isabel em Lc 1:43), mas não “mãe de Deus”. Os protestantes então preferem enfatizar que Maria foi mãe de Jesus Cristo segundo a humanidade de Ele, e apenas nesse sentido poderia ser chamada de mãe de Deus Filho encarnado. No dia a dia, em vez de dizer “Mãe de Deus”, opta-se por chamá-la mãe do Senhor ou mãe de Jesus, para evitar atribuir a ela uma posição que extrapole o que a Escritura ensina.

Em suma, o título Theotokos é reconhecido pelos reformados como historicamente importante para a ortodoxia cristológica, mas não é visto como licença para atribuir a Maria honras divinas ou papel de co-governante celeste. Infelizmente, na piedade popular católica o conceito de Maria como Mãe de Deus muitas vezes veio acompanhado de outros títulos e ideias que a colocam num patamar quase divino (como “Rainha do Céu”, “Mãe da Igreja”, “Medianeira de todas as graças”), o que acaba reforçando práticas de hiper-veneração que os evangélicos consideram descabidas. Abordaremos esses títulos e funções atribuídos a Maria mais adiante (seções 5 e 6). Aqui basta lembrar que Jesus, ainda que honrasse profundamente Sua mãe terrena, nunca ensinou seus discípulos a exaltá-la além da medida. Ele mesmo, ~~Antes, ele já advertiu os que~~ **Antes, ele já advertiu os que** como mãe, replicou:

“ouvem a palavra de Deus e aguardam” (Lc 11:27-28), apontando novamente para a primazia da fé e obediência sobre laços sanguíneos. Portanto, todo louvor dado a Maria deve sempre permanecer cristocêntrico e bíblico, reconhecendo o papel especial dela na encarnação, porém sem transformá-la em uma espécie de deusa ou co-redentora.



4. A questão da mediação: Maria ou Cristo?

Um dos pontos nevrálgicos em que protestantes e católicos divergem concerne à ideia de mediação entre Deus e a humanidade. Para os evangélicos, a Escritura é categórica ao declarar que existe um único mediador no âmbito da salvação: “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2:5)[35]. Jesus Cristo, por ser simultaneamente verdadeiro Deus e verdadeiro homem sem pecado, é o perfeito e suficiente mediador da nova aliança – somente Ele pode nos reconciliar com o Pai, interceder eficazmente por nós e nos representar diante do trono divino[36]. A obra mediadora de Cristo consumada na cruz (sua morte expiatória e ressurreição) é absolutamente completa, de modo que nenhuma outra pessoa pode acrescentar ou equiparar-se a essa função. O próprio Jesus afirmou ser o caminho exclusivo até Deus Pai (Jo 14:6), e a Epístola aos Hebreus O apresenta como nosso Sumo Sacerdote eterno que vive para interceder por nós (Hb 7:24-25).

A Igreja Católica, embora reconheça Cristo como mediador principal, desenvolveu ao longo do tempo a ideia de Maria como medianera (Mediadora) ou cooperadora na mediação de Cristo. Títulos como “Mediadora de todas as graças” e “Co-Redentora” começaram a aparecer em escritos de santos e papas (embora Co-Redentora não tenha status dogmático formal). Em essência, esse conceito sugere que Maria, por sua proximidade materna a Jesus, participa de alguma forma na distribuição das graças da salvação e intercede pelos fiéis junto a Ele. Há quem afirme – dentro do catolicismo – que nenhuma graça nos chega sem passar pelas mãos de Maria, ou que todas as orações dos fiéis sobem a Deus por intermédio dela[37]. Movimentos em décadas recentes até pleitearam proclamar um novo dogma mariano nestes termos[37], o que de fato elevaria Maria a um patamar sem paralelo, reconfigurando a própria compreensão da mediação no cristianismo.

Para os cristãos reformados, tais afirmações contradizem frontalmente o ensinamento

bíblico. Não há qualquer indicação nas Escrituras de que Maria ou qualquer outro santo falecido tenha o papel de mediar graças de Cristo. Pelo contrário, o Novo Testamento enfatiza repetidamente que Jesus é suficiente e que temos acesso direto a Deus por meio dEle. “Temos livre acesso ao Pai, em confiança, pela fé nEle” (Ef 3:12); Jesus habita nos corações dos crentes pelo Espírito Santo, de forma que nenhum outro mediador é necessário para chegar a Deus[35][38]. Além disso, atribuir a Maria títulos como “co-redentora” esbarra em sérios problemas teológicos: a redenção é obra exclusiva de Cristo, que levou sobre si os pecados do mundo (1Pe 2:24) – Maria, embora presente aos pés da cruz, não morreu pelos nossos pecados nem possui



méritos para salvar terceiros[9]. De fato, mesmo Maria precisou que Jesus a redimisse, como já mencionado. Portanto, não faz sentido bíblico falar dela como co-redentora.

O próprio Jesus nunca indicou que Maria exerceria um papel de medianeira. Pelo contrário, em um episódio registrado, alguém exclamou a Jesus: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!”, exaltando sua mãe, mas Ele respondeu: “Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lc 11:27-28). Cristo aqui não desrespeita Maria, mas deixa claro que nenhum laço materno Lhe confere um papel especial no Reino que ultrapasse a primazia da fé e obediência. Na cruz, Jesus de fato demonstrou amor e cuidado por Maria ao confiá-la ao apóstolo João como filho (Jo 19:26-27), mas novamente não fez dela mediadora da humanidade. Após a ascensão, Maria está entre os discípulos orando (At 1:14), não distribuindo graças. Assim, os protestantes afirmam com convicção que somente Jesus Cristo é mediador e intercessor suficiente. Ele mesmo vive hoje à direita de Deus intercedendo pelos que se chegam a Ele (Hb 7:25), e o Espírito Santo intercede por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8:26) – nenhum outro “canal” espiritual é necessário ou autorizado. Qualquer doutrina que desloque nosso foco de Cristo para outra figura, por mais respeitável que seja, incorre no perigo de obscurecer a glória de Jesus e a confiança direta que devemos ter nEle. Em suma, a mediação de Maria é um conceito estranhíssimo ao texto bíblico e, conforme 1 Timóteo 2:5, introduz um concorrente indevido à singular posição de Cristo[35].

5. A veneração dos santos e a intercessão de Maria

Conectada à questão da mediação está a prática católica de invocar a intercessão de Maria e dos demais santos. Enquanto os protestantes oram exclusivamente a Deus (Pai, Filho e Espírito Santo), os católicos tradicionalmente rezam pedindo a ajuda de Maria e dos santos, crendo que estes, estando no céu, podem rogar a Deus em favor dos fiéis na terra. Essa divergência se apoia em concepções diferentes sobre o vínculo entre os vivos e os mortos em Cristo e sobre o que a Bíblia permite ou não nesse aspecto.

A Igreja Católica distingue cuidadosamente entre adorar (latria) e venerar (dulia). Ensina que somente Deus deve ser adorado; porém, os santos merecem veneração honrosa, e Maria em particular recebe uma veneração superior (hiperdulia), pela sua santidade e papel singular como Mãe de Jesus[2]. Nesse entendimento, quando um católico reza “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós”, ele não está adorando Maria, mas pedindo que ela interceda a Jesus em seu favor – algo semelhante a pedir a um



amigo que ore por nós, com a diferença de que Maria já está glorificada na presença de Deus. Além disso, a veneração inclui gestos como respeitar imagens de santos, celebrar suas memórias, imitar suas virtudes, etc., sempre oficialmente direcionando a adoração somente a Deus.

Os evangélicos reconhecem a distinção teórica feita pelos católicos, mas contestam que, na prática, muitas vezes a veneração aos santos (especialmente a Maria) assume características de culto religioso indevido. Do ponto de vista bíblico, não há exemplo algum de um crente orando a alguém que não seja o próprio Deus. As orações do Pai Nosso e todas as instruções bíblicas sobre oração sempre se dirigem a Deus; jamais vemos Pedro, Paulo ou qualquer apóstolo ensinando os fiéis a invocar Estêvão ou Elias ou mesmo Maria. Pelo contrário, quando o apóstolo João, no Apocalipse, tentou prostrar-se aos pés de um anjo para venerá-lo, o anjo o impediu dizendo: “Adora a Deus” (Ap 19:10), enfatizando que nem mesmo seres celestiais devem receber reverência que pertence a Deus. Esse princípio sugere que todo culto no ambiente ~~ainda que seja “veneração inferior”~~, dobrar-se ~~espinal e venerar Deus como ídolo~~ diante de qualquer criatura ou rogar a ela em contexto devocional traz um sério risco de desviar o coração da exclusiva confiança em Deus.

Os protestantes argumentam também que recorrer a intercessores celestiais paralelos enfraquece a doutrina da suficiência de Cristo como nosso intercessor. Hebreus 4:16 convida-nos a chegar “confiadamente ao trono da graça” através de Jesus, nosso Sumo Sacerdote. Se temos acesso direto ao Pai pelo Filho, por que buscar intermediários adicionais? Alguns católicos respondem que pedir a oração de Maria não exclui Cristo, assim como pedir a oração de um irmão na igreja não exclui o Pai Deus; mas os evangélicos veem uma diferença fundamental: na terra, pedimos orações a irmãos vivos ao nosso lado, o que tem base bíblica (Tiago 5:16 incentiva a orar uns pelos outros), mas a Bíblia não nos autoriza a consultar ou invocar mortos, mesmo que mortos santos. Aliás, consultar os falecidos era uma prática condenada no Antigo Testamento (Dt 18:10-12). Embora os católicos argumentem que os santos estão vivos no céu e não “mortos” perante Deus, do ponto de vista evangélico não há garantia de que possamos nos comunicar com eles – trata-se de um campo que Deus não revelou para ser parte de nossa prática devocional.

Ademais, na piedade popular a figura de Maria frequentemente eclipsa a de Cristo como intercessor compassivo. Muitos católicos sinceros acabam recorrendo mais a Maria do que a Jesus, imaginando que ela seja mais acessível ou mais misericordiosa que o próprio Senhor. Há ditos populares do tipo: “Peça à Mãe que o Filho atende”,



indicando a ideia de que Cristo por si só seria severo, mas Maria consegue convencê-Lo a nos ajudar. Os reformados veem nisso uma distorção perigosa: apresenta-se Jesus como um juiz distante e irado, enquanto Maria seria a advogada amorosa – conceito que contraria o retrato bíblico do próprio Cristo como nosso advogado junto ao Pai (1Jo 2:1) e cheio de compaixão (Hb 4:15-16). Atribuir exclusivamente a Maria títulos como “Advogada dos pecadores” ou “Refúgio dos pecadores” é considerado pelos protestantes como usurpar títulos que o Novo Testamento reserva ao Senhor Jesus[39][40]. De fato, autores católicos reconhecem que em épocas passadas a devoção mariana exagerada levou muitos fiéis a colocarem Maria acima do próprio Deus em suas práticas – erro que a Igreja oficialmente procurou corrigir no século XX, recolocando Cristo no centro das devoções[41].

Em resumo, os protestantes respeitam Maria e os grandes heróis da fé do passado, mas discordam da prática de invocar sua intercessão. Entendem que honrar os santos significa imitar sua fé e agradecer a Deus pelo testemunho deles, não dirigir orações a eles. A única intercessão necessária e totalmente eficaz é a de Cristo, nosso eterno mediador que jamais falha. E quanto às orações entre os membros vivos da Igreja, isso acontece horizontalmente, não via uma comunicação com o céu fora de Cristo. Portanto, a veneração aos santos e especialmente a Maria, ainda que na intenção católica não seja idolatria, pode facilmente se tornar indistinguível de adoração indevida – como veremos no tópico seguinte sobre os excessos devocionais.

6. Títulos atribuídos a Maria vs. Escrituras

Outro ponto de impasse é a longa lista de títulos honoríficos que a tradição católica atribuiu a Maria, em contraste com o que a Bíblia diz (ou deixa de dizer) sobre ela. Alguns dos títulos marianos mais conhecidos são: Santíssima Virgem, Mãe de Deus, Nossa Senhora, Rainha do Céu, Advogada nossa, Medianeira de todas as graças, Co-redentora, Senhora da Conceição, Rainha dos Anjos, Auxiliadora, entre muitos outros[42][43]. Esses títulos aparecem em documentos e liturgias da Igreja, nas ladainhas e devoções populares, e refletem a altíssima estima dada a Maria. A pergunta que os protestantes fazem é: há respaldo bíblico para essas designações? E mais: não estariam alguns desses títulos atribuindo a Maria ofícios e glórias que a Escritura reserva somente a Deus ou a Cristo?

Vejamos alguns exemplos confrontados com a Bíblia:



Manual Prático da BÍBLIA

PANORAMA BÍBLICO

- **Nossa Senhora/Senhorado Universo: Chamar Maria de** Senhora implica um senhorio espiritual. Entretanto, a Bíblia afirma que “para nós há um só Senhor, Jesus Cristo” (1Co8:6). Dar a Maria o título de “Nossa Senhora” – muito comum na devoção católica – soa problemático aos ouvidos protestantes, pois parece colocá-la como soberana sobre nós, quando o único soberano e senhor de nossas vidas deve ser Deus. Nenhuma outra mulher na Bíblia é chamada de Senhora no contexto religioso com maiúscula [44][45]. Assim, títulos como Nossa Senhora da isso ou daquilo, embora culturais, não têm base nas Escrituras e conflitam com o entendimento reformado de que só Cristo é o Senhor espiritual dos crentes.
- **Rainha do Céu:** Maria é frequentemente invocada como Rainha – Rainha do Céu, dos Anjos, do Universo. Este título derivado do raciocínio de que, se Cristo é o Rei do céu e da criação, e Maria é sua mãe, então ela seria como a Rainha-Mãe no Reino celestial. Contudo, os protestantes lembram que o único lugar na Bíblia em que aparece a expressão “rainha do céu” é em Jeremias 7:18 e 44:17-25, referindo-se a uma deusa pagã (possivelmente Astarote) que era adorada pelo povo em rebelião contra Deus! Obviamente, os católicos usam o termo de forma totalmente distinta e devocional, mas não deixam de ser irônico para os evangélicos que um título carregado de associações idólatras tenha sido aplicado a Maria. Mais importante: o Novo Testamento não apresenta Maria reinando no céu. Se há uma “mulher coroada de estrelas” em Apocalipse 12, a interpretação protestante majoritária é que essa figura simboliza Israel ou a própria comunidade do povo de Deus, não explicitamente Maria. Em contraste, a figura feminina chamada “Babilônia, a grande” é que é retratada como uma rainha usurpadora (Ap 18:7). Destemodo, os protestantes consideram impróprio e sem base bíblica chamar Maria de Rainha do Céu, pois governar o universo é prerrogativa de Deus Trino somente.
- **Mediadora/Medianeira de todas as graças:** Como já explorado na seção 4, a Bíblia ensina que Jesus é o único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2:5). Não há menção de qualquer “medianeira” adicional. A atribuição a Maria de ser mediadora de todas as graças – isto é, que nenhuma graça divina nos alcança senão por intermédio dela – é vista pelos protestantes como um grave desvio. Todas as graças nos vêm de Cristo diretamente; Ele é a fonte. Nem Paulo, Pedro ou João (que foram grandes instrumentos da graça de Deus) jamais



reivindicaram ser mediadores universais. Logo, esse título mariano colide diretamente com a suficiência de Cristo e não encontra apoio nas Escrituras[4].

- **Co-Redentora:** Ainda mais forte, alguns católicos devotos chamam Maria de co-redentora, querendo dizer que ela cooperou de modos singulares na obra da redenção (por ter dado à luz o Redentor e sofrido ao pé da cruz unida a Ele). No entanto, essa terminologia é totalmente ausente da Bíblia. A redenção do mundo (At 11:12) é exclusivamente de Cristo: “Em nenhum outro há salvação”. Os reformados veem o termo “co-redentora” como virtualmente blasfemo, pois sugere que Maria compartilha do ofício redentor que pertence somente a Jesus. A própria Igreja Católica Romana até hoje não tornou “co-redentora” um dogma oficial – há certo reconhecimento de que seria teologicamente arriscado. Assim, esse título é rejeitado veementemente pelos evangélicos, pois dilui a glória de Cristo como único Redentor do pecado[4].
- **Santíssima/Imaculada/Sem Pecado:** A ideia de Maria “sem pecado” (Imaculada) já foi abordada; biblicamente, somente Deus é absolutamente santo e sem pecado (Lc 18:19, Rm 3:23). Chamar Maria de Santíssima cria mal-entendidos, embora queira-se apenas dizer que ela é muito santa em comparação a outras criaturas. Os protestantes preferem ser cautelosos com termos absolutos como esse para uma criatura.
- **Mãe da Igreja/Mãe de todos os homens:** Alguns documentos católicos referem-se a Maria como mãe espiritual dos cristãos, já que Jesus na cruz disse a João: “Eis a tua mãe” (Jo 19:27). Porém, não há consenso protestante nisso. Muitos entendem aquela frase como Jesus pedindo para João cuidar de Maria como filho dela, não instituindo Maria como mãe simbólica de todos os fiéis. Logo, títulos como Mãe da Igreja ou Mãe dos homens não têm base clara e soam extrabíblicos.

Poderíamos alongar-nos em muitos outros títulos (Estrela da Manhã, Torre de Marfim, Porta do Céu etc.), tirados de alegorias e símbolos poéticos, mas o ponto central é: nenhum desses títulos especiais dados a Maria encontra respaldo direto nas Escrituras. A maioria surge de interpretações alegóricas, aplicações livres de textos do Antigo Testamento, ou da elevação de Maria a devoção mística medieval. Os protestantes advertem que conceder tais honrarias pode involuntariamente fomentar uma visão de Maria quase divina, encorajando a Mariolatria. De fato, até mesmo autores evangélicos moderados afirmam que “elevar Maria com títulos como



Medianeira, Co-redentora, Causa da nossa Salvação, Santíssima Mãe de Deus, Nossa Senhora Imaculada e Rainha do Céu não pode deixar de encorajar a Mariolatria^[4]. Por isso, na tradição reformada costuma-se referir a ela simplesmente como a Virgem Maria, mãe de Jesus, ou “bem-aventurada Maria” (ecoando Lc 1:48), sem acrescentar qualificações que a Bíblia não faz.

Em conclusão desta seção, fica claro que há um desacordo profundo sobre os títulos de Maria: os católicos os veem como expressão legítima de amor e reconhecimento pelos privilégios que creem que Deus concedeu a Maria; os protestantes os veem em grande parte como desenvolvimentos humanos não autorizados, quando não francamente contrários à Palavra de Deus. A prudência bíblica aconselha que fiquemos nos termos e honra que a própria Escritura confere: Maria é bendita entre as mulheres, mãe de nosso Senhor segundo a carne, exemplo de serva fiel – e nada além disso deve ser dito com certeza doutrinária.

7. Aparições marianas e sua análise à luz da Bíblia

Um fenômeno associado à devoção a Maria são as aparições marianas: relatos de que a Virgem Maria teria aparecido sobrenaturalmente em diversos lugares, transmitindo mensagens. A Igreja Católica ao longo da história aprovou algumas dessas aparições como dignas de fé (embora não obriguem os fiéis a crer nelas), por exemplo: Nossa Senhora de Guadalupe (México, 1531), Nossa Senhora de Lourdes (França, 1858), Nossa Senhora de Fátima (Portugal, 1917), entre outras. Milhões de católicos devotos se inspiram nessas aparições e nas mensagens que elas trouxeram – geralmente apelos à oração, penitência, consagração ao coração de Maria, construção de capelas, etc. A pergunta que surge é: como avaliar essas aparições do ponto de vista bíblico? Teria Deus enviado mesmo Maria (ou anjos) com novas revelações? Ou poderiam ser ilusões, fraudes ou até enganos espirituais?

Os evangélicos adotam aqui o princípio bíblico de 1 João 4:1: “Não creiais em qualquer espírito, mas provai os espíritos se procedem de Deus”. Ou seja, toda suposta

revelação ou sinal sobrenatural deve ser testado à luz das Escrituras. Jesus e os apóstolos advertiram que poderiam ocorrer “falsos sinais e prodígios” para enganar, inclusive com Satanás se disfarçando em “anjo de luz” (2Co 11:14)^[46]. Logo, somente porque algo milagroso aconteceu ou alguém viu “uma bela senhora do céu” não significa automaticamente que seja uma mensagem de Deus. O critério infalível é comparar o conteúdo da aparição com a Palavra de Deus^[47]. Se a mensagem proclamada naquela visão diverge ou adiciona elementos contrários ao evangelho



bíblico, então não procede de Deus – por mais impressionante que o sinal seja. O apóstolo Paulo foi claro: “Ainda que nós ou um anjo dos céus vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema” (Gl 1:8).

Ao analisar as principais aparições marianas aprovadas pelo catolicismo, os protestantes notam um padrão preocupante: as mensagens frequentemente contêm práticas e doutrinas sem respaldo bíblico ou até opostas a ele. Por exemplo, na aparição de Fátima (1917), Maria supostamente pediu a instituição da devoção ao Imaculado Coração de Maria, pediu a reza diária do rosário, solicitou reparação pelos pecados cometidos contra seu Coração, prometeu a salvação de quem praticasse a devoção dos primeiros sábados em sua honra, etc.[48][49]. Embora haja também nas mensagens de Fátima exortações bíblicas ao arrependimento, oração e abandono do pecado[50][51], elas vêm misturadas com elementos não encontrados na Bíblia – em nenhum lugar a Bíblia manda consagrar-se ao coração de Maria ou fazer reparação a Maria pelos pecados do mundo. Isso, para a perspectiva evangélica, é um forte indicativo de origem duvidosa. O engano mais sutil mistura verdades com erros. Conforme estudo detalhado feito por apologistas, a mensagem de Fátima “combina algumas verdades bíblicas com várias práticas e ensinamentos sem respaldo bíblico”, o que leva à conclusão de que se tratam de “falsos sinais e prodígios” em vez de recados genuínos de Deus[52].

Outra famosa aparição, Lourdes (1858), trouxe a afirmação da própria aparição: “Eu sou a Imaculada Conceição” – o que reforçou um dogma recém-declarado, mas que biblicamente é questionável, como vimos. Aparecida (Brasil, 1717) gira em torno de uma estátua milagrosa, não exatamente uma aparição com mensagem, mas também fomentou grande peregrinação e fé em poderes atribuídos a Maria. Nessas e noutras ocorrências, os protestantes suspeitam que possa estar havendo engano espiritual: se um espírito se apresenta trazendo foco exagerado em Maria, solicitando práticas extrabíblicas e desviando sutilmente a devoção de Cristo para outra figura, ele não condiz com o Espírito Santo, cujo papel é glorificar a Cristo (Jo 16:14). Satanás, porém, teria todo interesse em usar até coisas com aparência “pia” para afastar a fé simples em Jesus. Por isso, fraude demoníaca é vista como uma explicação plausível para muitas aparições marianas populares[46]. Não se afirma isso levemente, mas baseando-se no critério já citado: se há conteúdo antibíblico, então não provém de Deus e só pode provir da outra fonte de engano.

É claro que essa posição protestante é dura para católicos, que muitas vezes testemunham bons frutos de tais aparições (conversões morais, pessoas voltando à



oração, etc.). Os evangélicos reconhecem que algumas pessoas podem ter tido experiênciassinceras e que Deus na Sua soberaniapode atéter usado parcialmente essasocasiõespara chamar gente ao arrependimento. No entanto, eles enfatizam que a Bíblia é completa e suficiente e que fenômenos sobrenaturais não devem introduzir doutrinas paralelas. Devemos andar por fé, nãooporvista (2Co 5:7), baseados na revelação escrita, e não buscar sinais extraordinários (Mt 12:39). Portanto, a recomendação evangélica é de extrema cautela: aparentemente ver algo sobrenatural não garante origem divina; precisamos discernir. E se o cerne da mensagem de uma aparição é, por exemplo, “rezem o rosário e honrem meu coração imaculado para salvar o mundo”, já sabemos que isso não condiz com o evangelho, que manda anunciar Cristo e confiar em Seu sangue para a salvação – não há nenhuma palavra sobre “coração de Maria” no Novo Testamento. Logo, rejeita-se a autoridade dessas mensagens.

Em resumo, as aparições marianas constituem um impasse adicional: os católicos as veem como sinais da contínua atuação maternal de Maria junto à Igreja; os protestantes, como possíveis falsos sinais que desviam o foco de Jesus e promovem doutrinas sem base bíblica. A orientação bíblica é testar tudo e reter o que é bom (1Ts 5:21). Retendo-se apenas o que é bom, certamente fica-se com o chamado ao arrependimento e à oração – coisas que a Bíblia já nos chama a fazer – e descarta-se o que passa da doutrina de Cristo (2Jo 1:9). Assim, um cristão bereano concluirá que não necessita de revelações extras via aparições, principalmente quando elas introduzem elementos devocionais que a Escritura não ensina. Basta-nos a Palavra de Deus e a revelação de Jesus Cristo contida no evangelho.

8. A devoção popular e seus excessos

Fiéis católicos carregam em procissão a imagem de Nossa Senhora de Fátima (Portugal, 1951). Milhares de devotos participam anualmente de atos assim, demonstrando profunda reverência e amor por Maria.

É inegável que Maria ocupa um lugar central no coração de muitos católicos piedosos. Ao redor do mundo, a devoção popular a Maria se expressa em diversas formas:

romarias, procissões solenes, santuários marianos, festas dedicadas a Nossa Senhora, orações específicas como o terço (rosário), o escapulário de Nossa Senhora do Carmo, novenas, entre outros. Tais práticas, em si mesmas, refletem o desejo sincero de homenagear a mãe de Jesus e buscar sua intercessão. No entanto, do ponto de vista protestante, muitos desses costumes ultrapassam o limite da honra devida e resvalam



em excessos devocionais preocupantes, que configuram idolatria prática mesmo que não intencional.

Observemos alguns exemplos de excessos comuns na mariolatria popular:

- **Culto exagerado às imagens:** Embora a Igreja Católica ensine que as imagens são apenas representações visuais para elevar a mente a Maria e aos santos, na prática vemos multidões se comportando diante de estátuas de Maria de modo indistinguível de culto. Beijam os pés da imagem, tocam-na buscando bênçãos, acendem velas, fazem promessas e até atos de prostração perante figuras de Maria. Em grandes procissões (como as de Fátima, Guadalupe ou Aparecida), a imagem de Maria é carregada em andor, recebendo aclamações, aplausos, chuva de pétalas de rosa[53][54]. Pessoas caminham quilômetros descalças ou de joelhos até santuários marianos para pagar promessas. Esses gestos – por mais emotivos e bem intencionados – imitam exatamente o que seria prestado a Deus em adoração[55]. Na Bíblia, prostrar-se, queimar incenso ou oferecer votos são atitudes de culto ao Senhor; quando direcionadas a qualquer imagem ou criatura, constituem idolatria (Êx 20:4-5). O protestante, ao assistir tais cenas, sente zelo pelas almas, pois vê nelas uma entrega religiosa que deveria pertencer somente a Deus. Mesmo que o devoto diga “não estou adorando a imagem, mas o que ela representa”, o risco de idolatria objetiva é real – a própria veneração externa pode capturar o coração em direção errada.
- **Marianismo acima de Cristocentrismo:** Historicamente houve períodos (como no final da Idade Média) em que a pregação popular enfatizava mais Maria como refúgio dos pecadores do que o próprio Cristo. Algumas orações tradicionais católicas chegam a implorar: “Mostrai serdes nossa Mãe” ou “Não desprezeis nossas súplicas, ó Virgem gloriosa”, como se toda esperança residisse nela convencer Jesus a nos perdoar. Relatos históricos indicam que muitos fiéis colocavam Maria acima do próprio Deus em devoção – tanto que o Concílio Vaticano II reconheceu e corrigiu esse abuso, afirmando que era preciso recentrar as devoções em Cristo[56][57]. Contudo, mesmo hoje, em certos contextos populares, percebe-se que para muita gente Maria tornou-se o centro emocional da religiosidade. Igrejas lotam no dia da padroeira Maria, mas ficam sem fiéis no culto a Jesus Sacramentado. A Ela se atribui proteção em viagens, saúde, milagres do dia a dia, enquanto Jesus é lembrado mais distante. Esse “mariocentrismo” é exatamente o que os reformadores condenaram e buscaram reformar, pois ofusca a glória de Cristo.



- Slogansecrenças não bíblicas: Expressões do tipo “Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, nossa vida, doçura e esperança, salve!” (da oração Salve Rainha) chegam a chamar Maria de “nossa vida e esperança”. Ora, para o crente evangélico isso é inaceitável: Cristo é a nossa vida e esperança (Cl 3:4, 1 Tm 1:1). Outro exemplo, a devoção das “Três Ave-Marias” reza: “Maria Santíssima, nenhuma das vossas súplicas pode ser rejeitada” – atribuindo a ela onipotência intercessória, algo que a Bíblia jamais afirma de um ser humano. Há ainda a popular frase “Maria passa na frente” (que virou até nome de livro e música), sugerindo que Maria abre caminho e resolve tudo para nós. Tais ideias, sem base na Escritura, excedem enormemente o papel de serva humilde que Maria ocupa nos Evangelhos, tornando-a uma espécie de figura semi-divina que garante bênçãos.
- Comércio e amuletos religiosos: Infelizmente, como acontecia já nos tempos bíblicos (veja Atos 19:24-28, onde artesãos lucravam com miniaturas da deusa Artemis), hoje existe todo um mercado religioso em torno de Maria. Venda de imagens, medalhas, escapulários, velas “milagrosas”, tudo isso pode estimular uma fé supersticiosa. Por exemplo, o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo vem acompanhado de uma promessa (atribuída a uma aparição) de que quem morrer portando-o não padecerá no inferno – uma crença que beira a mágica e contraria o ensino bíblico de que somente a fé em Cristo salva, não um objeto. Esses abusos comerciais e supersticiosos são criticados tanto por protestantes quanto por católicos esclarecidos, mas fazem parte da realidade devocional popular e representam um excesso claramente condenável.
- Substituição da Trindade por Maria na prática devocional: Em alguns casos extremos, há fiéis que praticamente oram apenas a Maria e raramente a Deus. Conhecem todas as ladainhas de Nossa Senhora, mas não leem a Bíblia nem têm intimidade com Jesus. Chegam a dizer: “Tudo por Jesus, nada sem Maria” – invertendo o lema católico clássico (Ad Jesum per Mariam – a Jesus por Maria) em algo mais exagerado. Essa mentalidade coloca Maria como absolutamente indispensável, quase onipresente na vida espiritual, o que na visão protestante é um erro grave. Nenhum a criatura deve tomar o lugar de onipresença ou onisciência em nossa fé. Devemos sim reconhecer a comunhão dos santos, mas não de modo que o Criador perca a primazia.

Os excessos da mariolatria acabam trazendo consequências espirituais sérias.

Primeiro, violam o mandamento da adoração exclusiva a Deus (Ex 20:3-5) ao dar a



uma criatura honras e confiança equivalentes às dadas a Deus^[58]. Isso é pecado de idolatria, mesmo que sem intenção consciente, e todo pecado nos afasta da comunhão com Deus. Segundo, esses exageros podem obscurecer o evangelho: pessoas passam a crer que serão salvas por usar um escapulário de Maria ou por rezar um certo número de Ave-Marias, em vez de compreenderem que a salvação vem unicamente pela fé em Cristo e pelo arrependimento. Em terceiro lugar, a mariolatria frequentemente resulta em decepção e enfraquecimento espiritual – quando alguém deposita expectativa em um ídolo (ainda que seja uma versão distorcida de Maria) e isso falha, pode acabar desiludido com a fé por motivos errados.

Vale ressaltar que há também católicos moderados e o próprio magistério católico que condenam esses exageros. Documentos oficiais (como a encíclica *Marialis Cultus* de 1974) pedem um culto mariano “puro” e “bíblico”, evitando superstições. No Concílio Vaticano II lê-se que “Maria... nada tira nem acrescenta à dignidade e eficácia de Cristo, único Mediador” e que o culto a ela deve levar os fiéis a Cristo, não afastá-los dEle. Ou seja, a Igreja Católica em teoria reconhece os riscos e busca equilíbrio. O problema, dizem os protestantes, é que o próprio sistema devocional mariano é propenso a descambar, dado o apelo emocional. Por isso, a reforma protestante optou por remover totalmente tais práticas, voltando-se somente ao modelo do Novo Testamento.

Enfim, os evangélicos encorajam que todo crente examine sua devoção: se algo ou alguém (mesmo Maria) está recebendo na prática a confiança, o amor e o temor que pertencem exclusivamente a Deus, então é hora de correção e retorno ao primeiro mandamento. Mariolatria, em última análise, prejudica a pureza do culto a Deus e pode levar as almas a confiar em coisa vã, tirando os olhos de Jesus. Esse é um dos motivos mais pastorais pelos quais os protestantes se opõem aos exageros marianos – por zelo de que nada roube de Cristo o coração do povo, e para que os fiéis tenham uma fé genuína e salvífica no único Senhor.

9. Consequências doutrinárias e espirituais da mariolatria

Tendo explorado os principais pontos de discordância relativos a Maria, é importante destacar por que tudo isso importa – quais são as implicações de abraçar uma visão mariólatra versus manter-se fiel à perspectiva bíblica. Os protestantes apontam várias consequências negativas, tanto doutrinárias quanto espirituais, que derivam do culto excessivo a Maria.



a) OfuscamentodasupremaciadeCristo: Aconsequênciamaisgravedamariolatriaé que elainevitavelmentediminui,naprática,acentralidadedeJesusCristo.Quando Maria écolocadacomoco-redentora,mediadoraindispensávelouobjeto principalde confiança, sem querer Cristo deixa de ocupar o trono exclusivo no coração do fiel. A teologia protestante é rigorosamente cristocêntrica – todas as coisas convergem para a glória deDeusemCristo(Cl1:18).Portanto,qualquerdoutrinaoudevoçãoquerivalize com Elenesselugarévistacomoumgolpenoevangelho.Historicamente,chegou-se ao ponto,nocatolicismopopular,deJesuserpensadoapenascomoJuizsevero, enquanto Maria era a misericordiosa salvadora (como vimos, Martinho Lutero relatou ter sidoensinadoatemerCristoerefugiar-seemMaria[59]).Issoéumadistorção doutrináriaséria,quaseuma rivalidade entre Maria e a Santíssima Trindade-algoque nenhum católico consciente desejaria, mas que ocorreu na prática a ponto de escritores católicos admitirem que “Jesus precisou voltar ao centro das devoções” após o ConcílioVaticanoll[56].Doutrinariamente,então,amariolatriaconduzaum cristianismo mariocêntrico ou mariocêntrico, no qual muitas verdades bíblicas sobre Cristo (Seupapeldeúnicomediador,sumosacerdotecompassivo,reidosreis,etc.) são obscurecidaspeloexcessodedestaquedadoàSuamãe.Essainversãodefocoé considerada inadmissível e espiritualmente danosa pelos evangélicos.

b) Desviodaautoridadebíblica:Quandoseaceitadoutrinascomoasmarianassem base naBíblia,abre-seprecedenteparaqueaTradiçãoourevelaçõesextrabíblicas ganhem peso igual ou maior que a Escritura. Isso é um problema doutrinário fundamental.Osreformadorescunharamoprincípiodo Sola Scriptura –apenas a Escritura como regra inerrante de fé. A mariolatria, por depender de dogmas tardios (Imaculada Conceição 1854, Assunção 1950) e aparições ou tradições não respaldadas pela Bíblia, viola esse princípio. Espiritualmente, isso significa que os fiéis podem ser conduzidos a crer e praticar coisas que Deus não revelou, o que pode ser inútil ouatéperniciosoparaasalvação.Jesusacusouosfariseusporadicionarem preceitos humanos ao culto, dizendo: “Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitosdehomens”(Mt15:9).Osprotestantesveemmuitodoaparato mariológico como preceitos de homens, não de Deus, e assim creem que seguir essas coisas pode levar a uma adoração “em vão”, isto é, que não agrada a Deus por estar misturada a erros.

c) Riscodeidolatriaeecondenação:AidolatriaéclassificadapelaBíbliaentreos pecados gravíssimos que excluem do Reino de Deus (1Co 6:9-10, Ap 21:8). Se a mariolatria for de fato idolatria – e os protestantes, como vimos, argumentam que em essência é – então aqueles que persistirem nela conscientemente se colocam em



perigo espiritual mortal. O primeiro dos Dez Mandamentos proíbe ter outros deuses, e o segundo proíbe imagens e prostração a elas (Êx 20:3-5). Assim, a consequência final da idolatria não arrependida é o juízo de Deus. É claro que somente Deus conhece cada coração e sabe discernir quem venera Maria por ignorância ou engano e quem deliberadamente escolhe adorá-la. Ainda assim, os pregadores evangélicos alertam amorosamente que persistir na mariolatria pode levar à perda da comunhão com Deus. A Bíblia exemplifica que, por ciúmes de Sua glória, Deus muitas vezes disciplinou Israel severamente quando este flertou com cultos a outras figuras (basta lembrar do caso do bezerro de ouro, Ex 32). A mariolatria não deixa de ser “outro evangelho”, no sentido de acrescentar mediadores e elementos estranhos—e Paulo diz que quem prega outro evangelho seja anátema (Gl 1:8). Portanto, por zelo da salvação das almas, os evangélicos procuram afastar as pessoas dessa prática, para que se voltem inteiramente a Cristo e não incorram em condenação por idolatras[3].

d) Distorções na piedade e na imagem de Deus: Outra consequência útil é que a mariolatria pode deformar a compreensão que a pessoa tem do caráter de Deus. Quando alguém pensa que precisa de Maria porque Jesus é inacessível ou duro demais, está com uma compreensão errônea de Jesus. Ou quando se atribui a Maria todas as qualidades ternas (misericórdia, bondade, proteção), a tendência é projetar em Deus apenas a severidade e justiça. Isso pode impedir uma relação saudável com Deus. Pai e Jesus, pois, do devoto fíca emocionalmente mais ligado a Maria. A teologia reformada insiste que Deus Pai nos ama (Jo 16:27) e que Jesus é manso e humilde de coração (Mt 11:29). Não precisamos de uma “mãe celestial” para ter amor e colo — o próprio Senhor nos supre de amor infinito. Se as pessoas soubessem quanto Cristo as ama e cuida, não veriam Maria como mais compassiva. Logo, a mariolatria acaba roubando dos fiéis uma vivência plena do amor de Deus, ao interpor Maria em todos os aspectos. Doutrinariamente, isso é uma séria deturpação do evangelho da graça.

e) Obstáculo à unidade cristã e à evangelização: Por fim, pode-se mencionar que o forte apego a Maria é um dos grandes obstáculos no diálogo entre católicos e protestantes. Muitos católicos se sentem ofendidos ao ouvir críticas à devoção mariana, pois ela está entranhada em sua identidade espiritual. Por outro lado, protestantes têm dificuldade de se aproximar de práticas católicas quando veem nelas potencial idolátrico. Isso dificulta a unidade dos cristãos na fé comum em Jesus. Além disso, missionários evangélicos em países de maioria católica muitas vezes notam que a pregação de Cristo é barrada por Maria — pessoas que até aceitariam o evangelho se não fosse a impressão de que precisariam “deixar Maria”. Em alguns lugares, quem se converte a um grupo evangélico é acusado de “abandonar Nossa



Senhora”, quase como um traidor cultural. Assim, a mariolatria levanta um muro que dificulta que Jesus seja conhecido sem reservas por todos os povos. Obviamente, do lado católico argumenta-se que Maria sempre leva a Jesus, mas do lado protestante a percepção é que, na prática, muitas vezes Maria “segura” as pessoas numa religiosidade tradicional sem novo nascimento. Portanto, por amor às almas, evangelistas protestantes chamam as pessoas a libertarem-se de todo peso extra – incluindo devoções não bíblicas – e virem direto a Cristo para serem salvas.

Em síntese, as consequências da mariolatria são gravíssimas na visão reformada: ela afeta a pureza doutrinária (Cristo deixa de ser único mediador; introduz-se tradição humana; confunde-se a imagem de Deus), afeta a saúde espiritual individual (fé desviada, risco de idolatria, perda da intimidade com Jesus) e afeta o testemunho coletivo da Igreja (divisões, escândalo perante os não-crentes, etc.). Não se trata de um assunto meramente secundário ou de “birra” com Maria; trata-se de zelar pela glória de Deus e pela integridade do evangelho. “O Senhor, teu Deus, é fogo consumidor, Deus zeloso” (Dt 4:24) – Ele não tolera concorrência no culto. E Paulo escreveu que idolatria é coisa da carne que impede de herdar o Reino (Gl 5:19-21)[3]. Portanto, os protestantes entendem que amar os católicos é também alertá-los dessas implicações e chamá-los a uma fé inteiramente centrada em Cristo conforme a Bíblia.

10. Resposta bíblica: o verdadeiro lugar de Maria na fé cristã

Diante de tudo o que foi exposto, fica a pergunta: qual deve ser, então, o lugar de Maria na fé cristã bíblica? Como honrá-la devidamente sem incorrer em exageros ou erros? A

na

resposta protestante busca seguir o equilíbrio das Escrituras: Maria deve ser honrada e lembrada como um exemplo de fé e obediência, porém não deve ser objeto de culto ou fonte de doutrina.

Em primeiro lugar, reconhecemos com alegria tudo o que a Bíblia revela sobre Maria de Nazaré. Ela é, de fato, bem-aventurada entre as mulheres (Lc 1:42,48) por ter sido escolhida para a singular missão de gerar e criar o Filho de Deus encarnado. Poucas figuras bíblicas demonstram tamanha submissão à vontade divina – quando o anjo anunciou a Maria algo humanamente impossível e socialmente escandaloso (engravidar virgem do Messias), sua resposta foi um modelo de fé: “Sou serva do Senhor; aconteça comigo conforme a tua palavra” (Lc 1:38). Podemos e devemos nos inspirar na humildade e na prontidão de Maria em servir a Deus. Além disso, ela mostrou ponderação espiritual, guardando e meditando as coisas de Deus em seu



coração (Lc 2:19,51). Este é outro aspecto digno de imitação: Maria não era leviana, mas profundamente reverente com as experiências sagradas que viveu.

Maria também evidenciou confiança em Jesus. Nas bodas de Caná, apesar de receber de Jesus uma resposta que indicava não ter chegado sua hora, Maria disse aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2:5). Essa frase de Maria é significativa – nela, ela aponta para a obediência a Cristo. Nesse sentido, Maria é a primeira discípula, que crê e ensina outros a confiarem em Jesus. Aqui está o legítimo papel de Maria na fé cristã: conduzir-nos ao Filho, dizer “obedeçam a Ele”. Sem prever a f i de Maria cumprir esse papel de seta apontando para Cristo, os protestantes não têm qualquer objeção – ao contrário, se alegram. O problema é quando se faz dela um “atalho” alternativo, ofuscando o Filho. A

teologia reformada coloca Maria aolados grandes servos de Deus, como Abraão, Moisés, Davi, Pedro, Paulo – pessoas através das quais Deus agiu poderosamente, e cuja memória honramos, mas nenhum dos quais adoramos ou invocamos em oração. Maria foi bendita (Lc 1:42) e temos por ela alta estima, ensinando inclusive nossas crianças sobre “Maria, mãe de Jesus”. Nas celebrações de Natal nas igrejas evangélicas, por exemplo, Maria é exaltada pelo seu papel no nascimento de Cristo, canta-se sobre ela (o Magnificat é entoado em hinos), e peças teatrais destacam sua fé. Ou seja, não há esquecimento ou menosprezo de Maria – o que há é um cuidado de não ir além do que está escrito (1Co 4:6) no trato com ela.

Qual é, então, o verdadeiro lugar de Maria? Podemos resumir-lo em alguns pontos, fundamentados pela Bíblia:

- Maria é um exemplo, não uma mediadora. Ela exemplificava virtudes cristãs (humildade, pureza, fé, perseverança). Podemos dizer, como Paulo, “sede meus imitadores como sou de Cristo” – Maria seguiu a Deus e podemos imitá-la na medida em que ela imitou a fé de Abraão, a obediência de Ana, etc. Contudo, Maria não ocupa na doutrina nenhum ofício mediador. A Bíblia não a apresenta intercedendo pelos apóstolos ou pela Igreja. Após Ascensão, sua missão teológica cessou – diferentemente do Espírito Santo, que foi enviado para assumir esse papel de Consolador e Ajudador. Portanto, o lugar de Maria é no banco dos fiéis testemunhando a graça, não no trono distribuindo graça.
- Maria precisa da salvação em Cristo, assim como todos nós. Isso pode soar óbvio para protestantes, mas é importante afirmar: Maria não se salva, ela foi salva. Em seu cântico, ela louva a Deus por “ter feito grandes coisas” por ela e por Sua



misericórdia de geração em geração (Lc 1:49-50). Ela reconhece a iniciativa e graça de Deus, não o próprio mérito. E, conforme já citado, chama Deus de “meu Salvador”, implicando que ela se via em necessidade de salvação [7]. Assim, no genuíno lugar de Maria, ela está junta conosco aos pés da cruz, olhando para Jesus como Redentor. Aliás, no Calvário Maria estava literalmente aos pés da cruz (Jo 19:25) – que cenap profunda: amãede Jesus contemplandoseu Filho morrer por ela também. No Cenáculo, Maria estava orando junto com os demais, esperando o Espírito (At 1:14). Não era ela quem enviaria o Espírito; ela precisava recebê-Lo. Isso enfatiza que Maria ocupa o lugar de serva agraciada, não defontedegraça.

- Mariadeveserchamadabem-aventuradapelasgerações(Lc1:48)–ouseja, reconhecida como alguém abençoada por Deus de maneira singular. Os protestantes não têm dificuldade com isso: realmente todas as gerações de cristãos, incluindo as igrejas da Reforma, têm reconhecido a bem-aventurança de MariaporsermãedoSenhor.Negaressefatoseriaircontraaprópria Escritura. Então, no verdadeiro lugar de Maria, nós nos lembramos dela com gratidão. Podemos inclusive usar palavras elogiosas: Maria foi virtuosa, agraciada, fiel. Muitas igrejas protestantes leem o Magnificat (Lc 1:46-55) em cultos, ou pregam sobre Maria no Natal e em estudos bíblicos, destacando essas coisas. Isso é bem diferente de ignorar Maria. Apenas não há, na tradição reformada, datas litúrgicas marianas (como “dia de Nossa Senhora”), nem ladainhas para ela – porque se considera que a forma bíblica de honrar os santos é agradecer a Deus por eles e seguir seu exemplo, não cultuá-los ou invocá-los.
- Marianãoocupanenumaposiçãootrinitáriaoueclesiológicadeautoridade.Afé cristã tem como centro Deus Pai, Filho e Espírito Santo – Trindade Santa – e Maria não faz parte dela. Parece desnecessário dizer, mas algumas expressões exageradas quase a colocam co-regendo o universo. Biblicamente, um só é Deus(Is45:5).Alémdisso,acabeçadalgrejaéCristo(Ef1:22-23),nãoMaria. Alguns católicos a chamam de “Mãe da Igreja”, mas no sentido de cuidar maternalmente; não se entende que ela governe a Igreja. Os protestantes preferem o título “Irmã em Cristo” – pois Maria, embora mãe de Jesus na terra, perante Deus é mais uma filha dEle e irmã nossa na fé (considerando que, feita discípula, ela também faz parte da família de fé). Jesus insinuou isso quando disse: “Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3:35),



indicando que no reino espiritual Maria se une a todos os fiéis como serva, não como regente[8]. Assim, sua verdadeira posição é ser a primeira entre as mulheres discípulas, digna de respeito especial, mas não possuindo jurisdição espiritual.

- Maria aponta para Jesus, não para si mesma. Como já observado no episódio das bodas de Caná, Maria direcionou os servos a obedecer Jesus (Jo 2:5). Em toda a narrativa evangélica, Maria fala pouquíssimo; quando fala, é para glorificar a Deus (no Magnificat) ou para ressaltar Jesus (em Caná). Ela permanece em silêncio na crucificação e após. Isso ensina algo: a verdadeira piedade de Maria estava em exaltar a Deus, não a si. A igreja deve fazer o mesmo. Toda vez que lembrarmos Maria, que seja para admirar as obras de Deus nela e através dela (“Grandes coisas me fez o Poderoso” – Lc 1:49), e para nos inspirar a também dizer “sim” a Deus nas nossas vidas. Assim estaremos honrando Maria da forma correta – imitando sua fidelidade e dando glória a Deus como ela deu. Por outro lado, se a menção a Maria não nos leva a Cristo, algo está errado. Nesse sentido, os protestantes afirmam que o lugar mais honroso que podemos dar a Maria é pregarmos o mesmo Cristo que ela gerou e adorarmos o mesmo Deus que ela adorou. Qualquer veneração vazia que não resulte em obediência a Jesus seria contrária ao espírito de Maria.

Portanto, a fé reformada convida a um retorno à pureza bíblica na forma de ver Maria: ela é uma santa serva de Deus, parte da “nuvem de testemunhas” que cerca a Igreja (Hb 12:1), e cuja memória é honrada. Porém, toda honra a Maria deve redundar em glória a Deus – se não redundar, então passa do ponto. O próprio nome Maria aparece apenas umas 19 vezes no Novo Testamento, e após Atos 1:14 não aparece mais. Isso indica que os apóstolos, ao pregarem o evangelho mundo afora, não centralizaram Maria em sua mensagem. Eles não a esqueceram (certamente nas conversas devocionais devem ter citado a mãe do Senhor com carinho), mas não a colocaram como fundamento da fé. Paulo, em suas epístolas, exalta a Cristo repetidamente e nunca menciona Maria. Isso não é desrespeito – é prioridade. E essa deve ser nossa prioridade também.

Para os protestantes, o verdadeiro lugar de Maria na fé cristã pode ser resumido assim:

Maria está aos pés de Jesus, não sentada num trono acima dEle. E nós fazemos bem em nos ajoelhar ali junto com ela, aos pés de Cristo, adorando somente o Redentor – que, aliás, foi também o Redentor de Maria. Se vivermos dessa maneira, certamente a própria Maria aprovaria, pois sua alegria foi apontar para Deus seu Salvador.



11. Conclusão apologética

Ao concluirmos este estudo, é importante reafirmar que a intenção não é, de forma alguma, denegrir Maria ou menosprezar os católicos que a veneram, mas sim defender

a pureza do culto devido somente a Deus, conforme a Bíblia ensina. “Mariolatria: um impasse com a Bíblia” resume bem o cerne da questão: o culto exagerado a Maria coloca-se em rota de colisão com as Escrituras e com princípios fundamentais da fé cristã. Recapitulando os pontos principais: vimos que a Mariolatria se define como

veneração

excessiva ou mesmo adoração a Maria, algo que oficialmente os católicos negam fazer, mas que na avaliação protestante muitas vezes ocorre sim na prática[1][4].

Examinamos que Maria, na Bíblia, é apresentada como uma serva humilde e fiel, não como uma figura divina – ela precisou de salvação e não reivindicou para si nenhuma glória[7][9]. Os dogmas marianos católicos (Imaculada Conceição, Assunção, Virgindade Perpétua e Maternidade Divina) foram analisados e constatamos que carecem de base bíblica explícita e, em alguns casos, até contradizem princípios das Escrituras[13][36]. Somente Cristo é o Mediador e Redentor, e qualquer tentativa de incluir Maria nesse ofício é estranha ao evangelho[35][8]. Também abordamos a problemática de rezar aos santos e a Maria, indicando que a Bíblia nos dirige a orar a Deus diretamente e que a distinção católica entre “venerar” e “adorar” nem sempre é clara na prática[2][55]. Os inúmeros títulos gloriosos de Maria foram confrontados com a Escritura, e vimos que nenhum deles pode ser sustentado textualmente – são fruto de tradição e piedade posteriores, muitas vezes em conflito com atribuições que pertencem a Deus ou a Cristo[4]. Discutimos também as aparições marianas, mostrando que, à luz bíblica, devemos ter cautela e que mensagens de tais aparições contêm elementos não bíblicos que levantam sérias dúvidas sobre sua procedência[60][61]. Em seguida, constatamos como a devoção popular por vezes cai em excessos flagrantes – culto de imagens, superstição, “mariocentrismo” –, os quais equivalem a idolatria e trazem prejuízos espirituais[55][41]. Isso nos levou às

consequências que a mariolatria acarreta: obscurecimento de Cristo, abandono da autoridade bíblica, risco de condenação por idolatria, deformação da fé e da comunhão com Deus[5][41]. Diante disso tudo, apresentamos a resposta bíblica equilibrada sobre Maria: honrá-la como bem-aventurada e exemplo de serva, porém sem lhe atribuir funções ou culto que só pertencem a Deus[8][9].

A posição apologética protestante, portanto, conclui que Maria ocupa um lugar especial na história da salvação, mas não no objeto da nossa devoção. Ela apontou para Jesus



– nós também devemos fazê-lo. Todo louvor, oração e adoração devem ser dirigidos unicamente a Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Maria ficaria triste se pudesse ver pessoas exagerando em sua veneração a ponto de esquecer as palavras de seu Filho. Seu último ato registrado nas Escrituras foi estar em oração juntamente com os demais discípulos, aguardando o Espírito Santo (At 1:14). Assim também, convidamos nossos irmãos católicos a se juntarem em oração conosco, lado a lado, diretamente ao nosso Deus e Salvador—unidos, não divididos, adorando ao único que é digno.

Que possamos, como Mariano Magnificat, “engrandecer ao Senhor” e alegrar-nos em Deus, nosso Salvador” (Lc 1:46-47), pois só Ele é santo, só Ele é Senhor. A melhor maneira de honrar Maria é abraçar o mesmo evangelho que ela creu, focar no mesmo Jesus que ela carregou e obedecer às mesmas Escrituras que a instruíram.

Em uma frase: Cristo bem no centro, Maria em seu devido lugar—este é o equilíbrio bíblico que buscamos. Assim evitaremos tanto a irreverência para com a memória da mãe de Jesus quanto a idolatria em relação a ela. “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele darás culto” (Mt 4:10). Guardando esse mandamento no coração, estaremos seguros de prestar um culto genuíno. E certamente Maria, lá na glória, diria “Amém!” a isso, lançando coroas aos pés do Cordeiro juntamente com toda a criação redimida.

Que Deus nos conceda discernimento e fidelidade à Sua Palavra, e que possamos amorosamente ajudar outros a enxergar essas verdades. Hoje a glória seja dada somente a Deus! [3][4]

[1] [2] [3] [4] [5] [10] [55] [58] O que é Mariolatria? | GotQuestions.org/Portugues

<https://www.gotquestions.org/Portugues/Mariolatria.html>

[6] [13] [14] [15] [16] [17] [23] [26] [27] [28] [29] [30] [31] [32] [33] [34] [39] [40] [41] [42] [43] [44] [45] [56] [57] [59] catolicismo x protestantismo: mariolatria

<http://catolicismo x protestantismo.blogspot.com/2010/01/mariolatria.html>

[7] [8] [9] [35] [36] [37] [38] Maria é co-redentora / mediadora? | GotQuestions.org/Portugues

<https://www.gotquestions.org/Portugues/Maria-redentora-mediadora.html>

[11] [12] Imaculada Conceição – Wikipédia, a enciclopédia livre



https://pt.wikipedia.org/wiki/Imaculada_Concei%C3%A7%C3%A3o

[18] [19] [20] [21] [22] Assunção de Maria – Wikipédia, a enciclopédia livre

https://pt.wikipedia.org/wiki/Assun%C3%A7%C3%A3o_de_Maria

[24] [25] Virgindade perpétua de Maria – Wikipédia, a enciclopédia livre

https://pt.wikipedia.org/wiki/Virgindade_perp%C3%A9tua_de_Maria

[46] [47] [48] [49] [50] [51] [52] [60] [61] As aparições de Maria, como Nossa Senhora de Fátima, são mensagens verdadeiras de Deus? | GotQuestions.org/Portugues

<https://www.gotquestions.org/Portugues/aparicoes-de-Maria.html>

[53] [54] FOTOS: Católicos celebram Nossa Senhora de Fátima | VEJA

<https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/catolicos-celebram-nossa-senhora-de-fatima-2019/>